

## HISTÓRIAS DO SILÊNCIO: O FEMININO E A LOUCURA NA LITERATURA E NA ARTE CONTEMPORÂNEA

ANA CAROLINA TAVARES SOUSA<sup>1</sup>;  
RENATA AZEVEDO REQUIÃO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – [anatavaresfotografia@gmail.com](mailto:anatavaresfotografia@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – [ar.renata@gmail.com](mailto:ar.renata@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente resumo trata de um recorte de minha pesquisa em nível de mestrado, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAVI) da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). Ainda em andamento, ela tem como principal objetivo investigar de que modo o trânsito entre as Artes Visuais e a Literatura pode oportunizar um olhar mais atento à estigmatização de mulheres ditas indóceis pela medicina alienista do século XIX, bem como aos seus possíveis desdobramentos em outras formas de silenciamento feminino que reverberam até a contemporaneidade.

Tomando como ponto de partida a remota associação entre a figura da mulher e a loucura, e apoiando-me em estudos socio-filosóficos em torno das práticas e das instituições implicadas no processo de perpetuação das relações de poder, debrucei-me sobre o ostracismo sofrido por mulheres que simbolizavam uma ameaça à hegemonia masculina.

Desse modo, atentei-me aos rastros da histórica relação instituída entre a medicina alienista (que remonta ao século XIX) e a construção social do gênero feminino. Até este momento da investigação, respaldei-me em estudos da historiadora Magali Engel, da antropóloga Carla Cristina Dias, da escritora Lisa Appignanesi e do filósofo e historiador Georges Didi-Huberman. A fim de compreender mais profundamente as diacrônicas estruturas de poder que sustentaram e ainda hoje corroboram para a subjugação feminina, debrucei-me sobre textos e livros do filósofo Michel Foucault e do sociólogo Pierre Bourdieu.

Interessa-me pensar sobre certa crença, presente ainda no século XX, e mesmo reativada em nosso tempo com a ascensão de discursos reacionários e moralistas, de que os “esforços intelectuais” levariam as mulheres a imergirem em um processo de *masculinização* e, portanto, à prática de uma negação dos papéis sociais historicamente destinados a elas.

Assumindo essa postura considerada antinatural, mulheres que, entre fins do século XIX e meados do XX, rejeitassem as estruturas de poder e, assim, rompessem com o sistema patriarcal, estariam sujeitas a diagnósticos de doenças mentais. Diagnósticos estes que insurgiam como uma ferramenta poderosa de silenciar todas aquelas que ansiassem ocupar um lugar social que, a priori, não poderia ser seu: um lugar de poder (e, aqui, “poder” entende-se, também e principalmente, por conhecimento).

A partir disso, pensei na relevância de produções literárias de autoria feminina que, produzidas em diferentes contextos espaço-temporais, são atravessadas pela dor de escritoras que, supostamente, sofreram com desvarios emocionais. De fato, as Artes (literária e visuais) estão repletas dessas figuras transgressoras que, ao desestabilizarem as estruturas de poder e controle masculino, foram estigmatizadas como *loucas*.

No presente resumo, discorrerei brevemente sobre três mulheres que, cada uma em seu tempo, sofreram com esse desajuste social e levaram suas experiências para seus textos, foram elas: Charlotte Perkins Gilman (1860-1935), Virginia Woolf (1882-1941) e Maura Lopes Cançado (1929-1993). Além disso, também abordarei um trabalho que desenvolvi a partir do contato com a obra e a biografia dessas autoras.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa em questão tem como principal recurso metodológico a realização de uma revisão bibliográfica de produções científicas que têm como mote a relação feminino/loucura aproximado-as de textos literários e produções poético-visuais que, de algum modo, evocam a estigmatização de mulheres indóceis. Nesse sentido, busquei autoras mulheres cuja produção tratasse do tema, e cuja vida fosse atravessada também pela rotulação, a saber: “O papel de parede amarelo” (1892), da estadunidense Charlotte Perkins Gilman; “Um teto todo seu” (1929), da britânica Virginia Woolf; e “Hospício é Deus: Diário I” (1965), da brasileira Maura Lopes Cançado.

Embora as produções literárias tenham sido produzidas em diferentes contextos espaço-temporais e, ainda, compreendam gêneros distintos, todas elas evocam a relação feminino/loucura. As narrativas, no entanto, não se findam nas últimas páginas de cada um dos livros; elas as transcendem, uma vez que exprimem certo desajuste de suas respectivas autoras aos padrões sociais normatizadores e patriarcais. Desse modo, pode-se estabelecer uma aproximação não somente entre as três obras mencionadas, mas também entre essas escritoras as quais compartilharam o estigma da insanidade.

Paralelamente à leitura e análise dos registros textuais deixados por aquelas que, em algum momento de suas vidas, foram consideradas desviantes, desenvolvi produções poéticas, das quais uma será apresentada posteriormente, que tinham como mote o sofrimento engendrado pelas opressões impostas ao gênero feminino, opressões estas que são apenas coroadas pelo rótulo da loucura.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento, foram realizadas breves reflexões acerca das obras literárias selecionadas, de modo a perceber possíveis implicações da repreensão social sofrida por cada uma das autoras em suas respectivas produções textuais. O conto “O papel de parede amarelo”, ao tratar da história de uma mulher diagnosticada com histeria e, por isso, permanecera enclausurada e isolada em um quarto de uma antiga casa de campo, traz à tona experiências pessoais de Charlotte Gilman.

Declaradamente feminista, a escritora tinha receio de que o cumprimento de certas exigências sociais a impedisse de seguir produzindo. Seu desajuste lhe rendeu longos períodos de profunda angústia e descontentamento; e um diagnóstico impreciso que a levaria à internação em um sanatório. Sua saída do hospital psiquiátrico foi sucedida por um tratamento que consistia na *cura pelo repouso* e que implicava em seu completo distanciamento de atividades intelectuais.

Assim como a escritora estadunidense, Virginia Woolf também nos deixou registros acerca das dificuldades enfrentadas por mulheres que tivessem interesse pela literatura. Em um ensaio ficcional intitulado “Um teto todo seu”, Woolf descortina a determinante influência que o sistema patriarcal vigente teria no cultivo de um

desinteresse social pela expressão feminina. O ensaio de Woolf, assim como o conto de Gilman, é atravessado por experiências autobiográficas.

A inserção no cenário literário da época e o alcance de certo reconhecimento como escritora não amenizaram a melancolia de Woolf e, menos ainda evitaram suas crises nervosas. Os momentos mais críticos, não por acaso, coincidiam com os períodos em que suas obras estavam em fase de finalização e publicação. Se o processo criativo a trazia serenidade e entusiasmo, a preocupação excessiva com a opinião alheia a respeito de seus escritos a causava um tormento agonizante.

A escrita também foi a grande companheira de Maura Lopes Cançado, especialmente no período em que ela passou internada no hospital psiquiátrico Gustavo Riedel, no Engenho de Dentro, Zona Norte do Rio de Janeiro, entre o fim do ano de 1959 e o começo de 1960. O diário de Cançado não apresenta, somente, escritos confessionais, mas também algumas reflexões da autora acerca da produção literária que se dava enquanto ela permanecia encarcerada. Desse modo, o diário íntimo é também o diário de pesquisa; diário de processo, de uma vida que, sem a *loucura*, não poderia dar vida a outras coisas.

Paralelamente à leitura das obras, e inspirada por estas, desenvolvi uma série poética intitulada “Sepulcro” (2019). Para tanto, apropriei-me de três antigas fotografias coletadas em acervos, as quais foram copiadas e impressas. Posteriormente à ampliação, os retratos foram rasgados de modo que o rosto feminino presente em cada um deles não pudesse ser conhecido pelo espectador. Combinei as imagens imoladas à escrita de algumas características tomadas como sintomas de disfunções mentais em mulheres de fins do século XIX e meados do XX (Figura 1).



Figura 1 – Ana Tavares. Série *Sepulcro*, 2019.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

Nesse sentido, a série busca conferir visualidade à crueldade característica do apagamento feminino trazida à tona pelas obras literárias de Gilman, Woolf e Cançado, de modo a propor uma aproximação sensível com a estigmatização a que tantas mulheres foram, e ainda são, submetidas.

#### 4. CONCLUSÕES

Posto isso, a pesquisa de mestrado da qual esse resumo é parte caracteriza-se pela aproximação de textos literários e poéticas visuais, aproximação esta que

culmina em uma produção de minha autoria. Tal produção, associada às obras e às biografias das escritoras mencionadas, tem como propósito maior lançar luz sobre as lacunas que permeiam as histórias das mulheres, sobre a ausência e o silenciamento, de modo que ainda hoje a discussão sobre gênero e feminismo seja importantíssima.

Destaco aqui neste resumo, as narrativas de Gilman, Woolf e Cançado, cujas existências foram marcadas pelo estigma da loucura, autoras cuja produção é indispensável para que possamos redimensionar a estratégia de emudecimento às quais o gênero feminino foi, e ainda é, submetido.

Por essa ótica, faz-se necessário que nos atentemos com cuidado para os silêncios. Silêncios ensurdecadores provocados por confinamentos, camisas de força, eletrochoques, injeções e abusos de toda ordem. Silêncios compulsórios decorrentes de subversões inadmissíveis, da criação de fissuras que uma vez abertas jamais podem ser completamente estancadas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPIGNANESI, Lisa. *Tristes, loucas e más: a história das mulheres e seus médicos desde 1800*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é deus: diário I*. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GARCIA, Carla Cristina. *Ovelhas na Névoa: um estudo sobre as mulheres e a loucura*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

GILMAN, Charlotte Perkins. *O papel de parede amarelo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.